

# Palavras "tortas" ofendem finalista

VÍTOR BASTO  
(TEXTO)

GASPAR DE JESUS  
(FOTOS)

## ESTUDANTES DE MATEMÁTICA QUEREM EXPULSAR PROFESSOR CATEDRÁTICO

«EM resposta à aluno X tenho a dizer que o ponto está tão mau (cientificamente) que só se ele estudar o triplo conseguirá (talvez) chegar ao 10. Desta vez teve três e pior. A letra com que escreveu é anormal e quase ilegível; só junto com o sr. dr. Carlos Sá se conseguirá decifrar aquela bodega. É preciso, portanto, esperar que ele volte de Inglaterra para se poder tornar a decifrar a dita bodega.»

«NOTA: Não vale de nada corrigir as aneiras de agora, porque no próximo ponto faz outras, o que preciso é corrigir a cabeça!»

Este breve texto (em que o X — por razões que esclareceremos — substitui o nome do aluno) está a pôr a Faculdade de Ciências do Porto em polvorosa. Os estudantes de Matemática — Ramo Educacional, naquela instituição de ensino, reagiram contra esse tipo de linguagem que consideram «ineficiente» e pouco vulgar em universidades, querem expulsar o docente que a escreveu, o professor catedrático António Andrade Guimarães. E para isso entraram em greve por tempo indeterminado.

«Anormal», «bodega», «corrigir a cabeça» são termos que chocaram e perturbaram profundamente a aluno que se dirigiu ao gabinete do seu professor e viu aquela mensagem escrita. Entretanto, e para solucionar o problema, os alunos estão à espera da decisão do conselho directivo, cujo presidente tem estado nestes dias em Brumela. Para já o conflito está acalor, numa luta entre professores e alunos (apesar um aluno ter ido à disciplina leccionada por António Guimarães, Bico Elementar II) e os estudantes teimam em não recuar na sua posição. «Queremos a expulsão do professor», dizem.

No âmbito da questão está uma aluno, deficiente motora, que se sente ultrajada pelas palavras «tortas» do professor, não tanto devido à sua incapacidade física mas ao conteúdo de aluno. A linguagem utilizada pelo professor, admite-se, é imprópria para consumo universitário. Mas quem tem razão? Qual a saída da situação que mette um professor num contexto que não soube ultrapassar? Com um currículo profissional limitado, há cerca de 30 anos como professor, Andrade Guimarães não tem tido no «verbo». Porém aquelas palavras, como nos disse, eram para ser lidas apenas por um ou dois dos seus colegas de profissão.

### «Acabar com paz poder»

Para a associação de estudantes daquela faculdade portuguesa, na voz do seu presidente, Paulo Morais, este caso vem depositar um grave problema educacional. «Não há processo legal, de, em caso de incapacidade do professor, há moverem um processo imediato», comenta. E o problema existente, diz, «não se passa apenas com aquele professor mas com outros, que não respeitam o aluno como tal».

Este confronto aluno-professor passou assim de um conflito pessoal para uma «guerra» colectiva, que reuniu todos os alunos do 4.º ano do curso de Matemática (Ramo Educacional) da Faculdade de Ciências do Porto, que, além disso, não se contentou com a sua união, e não se limitou a fazer com um comunicado nas mãos, depois de terem de expor os seus argumentos a uma comissão de docentes.

No anterior do Porto Morais, a associação de estudantes da Faculdade de Ciências do Porto está a tentar acabar com a «paz» poder acabar na Faculdade de Ciências do Porto, em particular, o no ensino, em geral. «Esta — processo — não é uma luta entre alunos e professores, é uma luta entre alunos e uma certa qualidade de ensino. Queremos ser exigentes, tanto para com os alunos como para com os professores. É uma pessoa que escreve o que escreve, depois de todo este processo, não merece estar no ensino superior. E é mais lamentável é que o ensino em Portugal tenha docentes deste género.»

Para tentar solucionar o problema, com uma greve que dura desde o passado dia 10 deste mês, a Associação de Estudantes comunicou o caso à comissão do grupo de Matemática, que conselho científico e pedagógico, daquela faculdade portuguesa. «Os alunos assumem as palavras do prof. António Guimarães — comenta Paulo Morais — como um insulto colectivo, para todos os estudantes. Para evitar outras formas de luta, queremos que isto seja resolvido, com a expulsão do professor. No fundo, a atitude deste professor foi a gota de água que fez transbordar a insatisfação dos alunos.»

### «Já pedi desculpas»

«Acresce do que escrevi no quadro do meu gabinete, relativamente a um pedido da aluno X, julgo dever formular as observações seguintes:

«1.º Quando me referi ao tipo anormal de letra utilizado pela aluno

no seu ponto, ignorei que esta aluno fosse deficiente motora no plano da escrita; se tal conhecimento então possuísse, teria de facto empregado outros termos para salientar a quase ilegibilidade das bastantes palavras daquela pontuação, nestas condições lamentos as palavras em que me expressei.

«2.º Contrariamente ao que tinha apreendido a partir do pedido da aluno me levou a crer, e refletei alguns não invoco, como motivação do seu pedido, desejo de evitar a repetição dos mesmos erros em provas futuras. Assim sendo, é descaído a minha NOTA em 25/200.

«3.º Será atendido o pedido da aluno logo que o sr. dr. Carlos de Sá regressar de Inglaterra.»

Para sermos fideis a documentos que nos foram facultados, reproduzimos na íntegra a resposta do prof. dr. António Guimarães à aluno. Mas, mesmo assim, os alunos alegam que o professor tem «graves defeitos de comunicação com os alunos» e «serviço» ineficiente. Consideram aquelas palavras como «insultuosas» e «profundas» sem se saber que a aluno X era deficiente motora, logo, alívios-nos a todos.

O pedido de desculpa do prof. António Guimarães não A, então, apetece alunos, que quiseram reunir-se com o docente; mas este, no entender da aluno viada, recusou-se ao diálogo.

### «80% dos alunos são ignorantes»

Professor desde 1 de Outubro de 1968 e catedrático há 18 anos, o dr. António Guimarães não tem hesitado

em comentar o assunto, mas acabou por fazer a sua aprovação. «Todos os alunos que tenho tido — diz — reconhecem a minha incapacidade de linguagem e de ensino. Neste caso, fizeste um teste com uma letra ilegível. Não dá para ler, quando me apresentei do que a aluno era deficiente motora, eu reflicti as palavras. Finalmente, a apresentação do ponto é horrível. No teste, a palavra bodega sempre porque a alíngua no sentido familiar, como costumava falar com os meus alunos. Foram palavras escritas num quadro, com a intenção de as apagar. Redigi depois um documento, com essas palavras, que me foi entregue à aluno a leitura do seu teste.

«Se descobresse que a aluno era deficiente, nunca teria utilizado a palavra anormal», prossegue o prof. dr. António Guimarães, que diz estar «tranquilamente» pela resolução do caso.

Houve um equívoco: não sabia que a aluno era deficiente motora nas mãos. Mas pedi desculpas por escrito.

No entender de António Guimarães, esta situação despoletou um mal-estar na relação aluno-professor. Admite aquela catedrático que isso também se deve à ignorância da maior parte dos estudantes que têm passado nas suas aulas. «Cerca de 80 por cento dos alunos que chegam ao 4.º ano desconhecem os elementos fundamentais da matemática do 1.º ano, e até do 3.º ano. Nos últimos dois anos, tem havido uma queda radical da qualidade científica dos alunos, que têm uma evidente falta de preparação e estão cheios de vícios. A maior parte venceu etapas, acabou o seu curso a contra-gotas, reaproveitaram 2 e 3 vezes a uma disciplina e demoraram 5 e 6 anos para fazerem três anos de curso.»

### «Não me desculpa»

O que mais não podia fazer para não ser formalizado como «insultuoso» mas o seu nome. Com 23 anos de idade, deficiente motora por causa

de uma doença congénita, reprovaendo apenas no ano passado ao longo da sua carreira de estudante, a aluno, que teve um problema de escrita com o seu professor de Bico Elementar II (disciplina que tem a strada) diz que, por ter ficado surpreendida com a nota, pediu, por escrito, para ver o seu teste. E foi em todo este processo que viu a sua escrita criticada como sendo «anormal» e levou um conselho no sentido de «corrigir a cabeça».

«Não me desculpa» e o professor deve ser castigado», diz a aluno. Em seu entender, «há que fazer justiça contra um professor que recusou uma tentativa de diálogo e nos recebeu muito mal numa conversa que nem demorou um minuto e em que demonstrei mais uma vez a sua incapacidade de dialogar com as pessoas».

«Sei que tenho uma letra péssima. Os meus professores de liceu fartaram-se de me dizer para o caso e aconselharam-me a destruí-la nos pontos porque, ao fazê-lo, eu fico ainda mais nervosa e a letra fica mais ilegível. Mas, já nesta faculdade, tenho tido a compreensão de muitos professores, que têm o teste comigo. Houve até uma professora

que me deu 0,8 num teste, e subi a nota para 7 valores depois de o ter lido comigo.»

Devido às suas ineficiências motoras, a aluno recebeu uma ajuda material que lhe dá mais uma hora em cada teste e a dispensou do exame de desenho no 2.º ano de escolaridade. Talvez por isso, reconhecendo a agradecendo a paciência dos seus amigos professores, a aluno lamenta que o prof. António Guimarães não a tenha chamado para lerem o seu teste em conjunto.

Comenta a aluno que «uma cultura universitária deve dar, além de uma sabedoria especializada, o saber conviver com os outros».

«Para o ano eu talvez dê aulas — diz — e como posso exigir respeito dos meus alunos se eu não os respeito?»

Sobre as desculpas do professor comenta que «o problema não se põe por ela ser deficiente motora, mas uma pessoa normal. Eu até fico muito aborrecida quando as pessoas me desculparam pela minha deficiência, porque eu faço uma vida normal e penso até que sou extremamente activa. O meu problema nunca me bloqueou muito. Estou a acabar o meu curso e quero ser professora».

Dia

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

Conflito - estudantes